



XIIIram

Reunião de Antropologia do Mercosul

ANTROPOLOGIAS DO SUL

Porto Alegre | UFRGS | 22-25 de Julho de 2019

**GUIA DE BOAS PRÁTICAS
PARA ACESSIBILIDADE
RAM 2019**

Apresentação

A capa, na página anterior, apresenta no topo, na cor cinza escura, o título **“Guia de Boas Práticas para a Acessibilidade”**, seguida da imagem tema da XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, que representa os continentes do sul (África, América do Sul e Oceania) em formato estilizado quadriculado, como se fossem dobraduras em papel, posicionadas sobre um círculo na cor amarelo queimado ao fundo.

Ao lado da imagem lemos o título tema do evento: “Antropologias do Sul”, e abaixo dele o local e a data deste encontro: Porto Alegre, UFRGS, 22 a 25 de julho de 2019.

Fim da descrição.

O presente guia pressupõe que todas as pessoas com deficiência têm o direito a participação neste evento com amplo acesso a todos os seus recursos e suas atividades, sendo acolhidas e atendidas em suas particularidades.

Este Guia é resultado de uma escrita colaborativa realizada por um grupo de antropólogas e antropólogos participantes dos Comitês de Deficiência, Acessibilidade e Inclusão da ABA e da ANPOCS. Esta edição teve como referência o texto apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, o qual foi produzido por Adriana A. M. Dias, Anahí Guedes de Mello, Éverton Pereira, Helena M. Fietz, Marco Gavério, Olivia von der Weid, Pamela Block e Valéria Aydos.

Edição XIII Reunião de Antropologia do Mercosul:

Valéria Aydos

Comissão de Acessibilidade da XIII RAM:

Anahi Guedes de Mello

Helena Fietz

Jefferson Alves

Olívia von der Weid

Patrice Schuch

Valéria Aydos

Guia de Boas Práticas para acessibilizar a 31ª RBA

INTRODUÇÃO

Adaptar a RAM à presença das pessoas com deficiência significa adequar o evento à Lei Brasileira de Inclusão e torná-lo acessível para todos e todas. Oferecemos aqui um material de apoio com orientações objetivas que selecionamos como as melhores práticas que os participantes podem adotar para apoiar pessoas com deficiência durante as atividades do evento.

Ele não está e nunca estará pronto, porque *deficiência* é um conceito em evolução, faz parte da diversidade humana e, portanto, traz sempre renovação e novidades. Desejamos que ao ler esse guia você perceba que ele não é apenas um material técnico, mas uma orientação prático-política embasada no paradigma da inclusão e do acesso aos direitos humanos e à cidadania para todos e todas.

Contamos com o bom-senso e a cooperação de todos para uma RAM inclusiva e democrática.

Algumas definições fundamentais:

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) de 2006 define que “**pessoas com deficiência** são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”.

Este conceito deixa claro que o que deve ser “adaptado” é o ambiente, as atitudes e os recursos que configuram barreiras à inclusão das pessoas com deficiência. Em outras palavras, combater principalmente o que chamamos de “capacitismo”.

Definimos o capacitismo (preconceito contra pessoas com deficiência) como a concepção presente no social que tende a considerar as pessoas com deficiência como menos aptas ou capazes apenas por apresentarem uma diversidade corporal, sensorial, intelectual ou psicossocial. O capacitismo acaba por pensar estas pessoas como não-iguais e “incapazes” de gerir as próprias vidas, vendo-as como sem autonomia, dependentes, desamparadas, assexuadas, condenadas a uma vida eterna e economicamente dependente, chegando a vê-las como não aceitáveis em suas imagens sociais ou até como menos humanas.

Entendendo as barreiras e facilitando a acessibilidade

Na perspectiva até então apresentada, o impedimento em si não leva à deficiência, mas sim a equação impedimento + ambiente. Ou seja, a acessibilidade é toda e qualquer ação que busque derrubar as barreiras físicas, sensoriais, atitudinais para que todos tenham igual acesso à vida em sociedade.

Atualmente também se discute a atualização do termo *impedimento* para diversidade, neurodiversidade, diversidade motora, diversidade sensorial. Neste sentido, o foco é pensar a diversidade de acessos e buscá-la da melhor forma possível.

É muito importante compreender que os princípios da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) devem guiar toda e qualquer modalidade de programa de acessibilidade ou ação afirmativa para essas pessoas.

Esses princípios são:

| O respeito pela dignidade inerente, a autonomia individual, inclusive a liberdade de fazer as próprias escolhas, e a independência das pessoas;

Baseado nesse princípio as pessoas com deficiência DEVEM sempre ser ouvidas em todas as atividades e em todos os projetos para elas desenvolvidos. Elas devem ser consideradas parte importante do processo e sua independência deve ser o objetivo primordial de qualquer programa ou ação.

| A não-discriminação;

Como uma questão de direitos humanos, a deficiência compartilha muitas experiências comuns com outros grupos tradicionalmente marginalizados ou excluídos. Ao pensar sobre a deficiência, é importante refletir sobre suas próprias experiências de inclusão e exclusão, sobre as diferenças que decorreram em sua vida das vezes em que você foi avaliado e incluído, em oposição aos excluídos. Pense sobre quais foram os fatores que fizeram uma diferença positiva. Todos experimentamos alguma forma de discriminação em pelo menos algum grau. Pensar sobre isso pode ajudá-lo a melhor relacionar e identificar pessoalmente a deficiência como uma questão de direitos humanos.

| A plena e efetiva participação e inclusão na sociedade;

Todas as pessoas com deficiência têm direito à plena e efetiva participação e inclusão na sociedade, da mesma forma que qualquer outra pessoa, e a vivenciar as experiências que desejar. Cabe ao Estado providenciar para que a deficiência não seja um fator de exclusão.

| O respeito pela diferença e pela aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e da humanidade;

A deficiência faz parte da vida humana. Simples assim. Faz parte, sempre fez parte, sempre vai fazer parte, além de estar inevitavelmente presente em algum momento da vida de todos.

| A igualdade de oportunidades;

| A acessibilidade;

A acessibilidade pode ser arquitetônica, de projeto (arquitetônica, de software, de produto, de tecnologia), comportamental (atitudes e internalizações), linguística (comunicacional, semiótica, de propaganda) ou epistemo-metodológica. Todas são importantes.

| A igualdade de gênero, raça, classe, etc.

Não se pode focar na questão da deficiência sem pensar na sua intersecção com outros marcadores sociais da diferença. E finalmente,

| O respeito pelo desenvolvimento das capacidades das crianças com deficiência e pelo direito das crianças com deficiência de preservar sua identidade.

Antes de passarmos às orientações mais práticas, acreditamos que alguns dados importantes oferecidos pelo Relatório Mundial de Deficiência, de 2011, devem ser mencionados:

Mais de um bilhão de pessoas, cerca de 15% da população mundial, tem alguma forma de deficiência.

- Uma em cada 5, ou 20% da população, das pessoas mais pobres dos países em desenvolvimento têm uma deficiência.
- 80% das pessoas com deficiência vivem em países em desenvolvimento.
- As crianças com deficiência são muito menos propensas a frequentar a escola do que crianças sem deficiência. No Brasil, a grande maioria das pessoas com deficiência adultas nunca concluiu o ensino fundamental. A diferença de gênero é igualmente gritante: mulheres com deficiência têm 60% menos acesso a educação do que homens com deficiência
- Entre as pessoas de baixa e média renda, somente 5% a 15% das pessoas que necessitam de dispositivos de tecnologia assistiva os recebem. No Brasil, a taxa era de 6% antes do Plano Viver Sem Limites, instituído no ano de 2011.
- Nos países pobres, apenas 20% das mulheres com deficiência estão empregadas, em comparação com 58% dos homens com deficiência.
- Pessoas com deficiência correm maior risco de violência: a taxa é de 4 a 10 vezes maior. A violência sexual contra meninas e mulheres com deficiência física e cegas é de 2 a 3 vezes maior, entre meninas e mulheres surdas é 5 vezes maior, e entre meninas e mulheres com deficiência psicossocial ou intelectual chega a 9 vezes. Mulheres com deficiência psicossocial ou intelectual são o grupo mais violado do mundo. 99% delas passam por abuso sexual pelo menos uma vez na vida.

Estes dados podem parecer “deslocados” em um guia de boas práticas. Mas, em um mundo acadêmico no qual a legitimidade dos temas de pesquisa parece conquistar espaços e o

direito de “estar aqui”, acreditamos que eles nos deixam uma pista de que pobreza, classe, raça, gênero, entre outras categorias, devem ser pensadas em suas intersecções com a deficiência e problematizadas em várias áreas de estudos nas Ciências Sociais.

BOAS PRÁTICAS

Apresentamos a seguir algumas orientações e dicas para orientar a comunicação com pessoas que possuem condições específicas:

| Pessoas surdas

Para melhor atender este público, é preciso primeiro atentar para a diversidade existente na surdez. As pessoas com deficiência auditiva representam um grupo social muito diverso, com necessidades e reivindicações que podem ser distintas no que diz respeito ao acesso à informação e à comunicação. Essas diferenças pessoais ocorrem com frequência e decorrem do fato de que nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. Desse modo, não só há pessoas surdas cuja primeira língua é a língua brasileira de sinais (Libras), mas também aquelas que se identificam com o português como primeira língua. Essa questão é importante porque implica o reconhecimento da diversidade na surdez: há os “surdos sinalizados/sinalizantes” (usam a Libras como L1), os “surdos oralizados” (usam o português como L1), os “surdos implantados” (portam um implante coclear), os “surdos bilíngues” (usam as duas formas de comunicação, Libras e português), os “ensurdecidos” (surdez em decorrência do envelhecimento), etc.

Ao conhecer alguém com perda auditiva :

- Lembre-se de falar com a pessoa que está encontrando, ao invés de se dirigir ao seu intérprete.
- Se você precisa chamar a atenção da pessoa, você deve fazê-lo tocando ligeiramente seu ombro ou acenando sua mão.
- Através de um intérprete, pergunte à pessoa o que ela necessita . Fale com a pessoa surda olhando para ela e não para o tradutor intérprete.
- Se você precisa entrar em contato com alguém com deficiência auditiva, o e-mail ou as mensagens de texto são preferidas, não um telefonema ou mensagens em áudio.

Se o surdo lê lábios:

- Olhe diretamente para eles e fale claramente, nem rápido nem devagar, certificando-se de que seu rosto pode ser visto. Não coloque nada na frente de seus lábios.
- Use expressões faciais adequadas ou outra linguagem corporal para enfatizar o que você está tentando transmitir.

- Não faça suposições de que a pessoa não entende. Em caso de dúvida, esclareça com a pessoa.

Nos grupos de trabalho e palestras:

- Os intérpretes só devem traduzir durante meia hora. Reuniões de mais de 2 horas devem ter dois intérpretes trabalhando alternadamente.
- Use notas escritas, da forma mais explicativas possível em suas apresentações.
- Novamente, para possibilitar a leitura labial, procure falar olhando para a plateia e não posicione o microfone em frente à boca. A melhor forma é posicioná-lo um pouco abaixo da sua boca.

| Pessoas com deficiência visual ou baixa visão

Ao conhecer alguém com deficiência visual ou baixa visão:

- Não toque na pessoa, principalmente antes de se apresentar. Você pode assustá-la.
- Identifique-se e introduza qualquer outra pessoa que esteja presente na conversa e indique onde estão colocados em relação à pessoa com deficiência visual (na mesa ou em uma roda) para que possa se localizar.
- Diga o nome da pessoa com quem você está falando quando estiver se dirigindo a ela e estiverem fazendo parte de uma conversa em grupo.
- Certifique-se de deixar a pessoa saber quando você encerrou uma conversa e deseja se afastar.
- Não distraia o cão-guia de uma pessoa cega. O cão está trabalhando. Não passe a mão nem estale os dedos na frente dele. Fale com a pessoa, não com o cachorro.
- Quando uma pessoa cega demonstrar que quer ou precisa de assistência para encontrar um local ou uma pessoa, pergunte diretamente a ela se precisa de orientação e como prefere ser ajudada. Não interfira no deslocamento de uma pessoa cega ou de baixa visão quando estiverem se locomovendo com a bengala.
- Ao conduzir uma pessoa cega, não é necessário empurrá-la e nem puxá-la pelo braço, basta deixá-la segurar no seu antebraço que o próprio movimento do seu corpo lhe dará a orientação que ela precisa.
- Se estiverem compartilhando uma refeição, informe à pessoa cega sobre a posição dos alimentos colocados em seu prato, bem como a posição dos talheres e copos na mesa.

Nos grupos de trabalho e palestras:

- Novamente, identifique-se claramente e introduza qualquer outra pessoa que esteja presente na sala e indique onde estão colocados em relação à pessoa com deficiência visual, falando sem microfone, para que o cego possa se localizar.
- Assegure-se que a sala de reunião ou entrevista está devidamente sinalizada ou que um monitor está disponível para oferecer assistência.
- Quando conduzir uma pessoa cega a um ambiente que lhe é desconhecido, dê orientações espaciais (indicando as portas de entrada e a localização dos sanitários, por exemplo) de modo que ela possa se locomover com maior autonomia.
- Procure identificar e descrever imagens utilizadas em suas apresentações.
- Identifique-se quando for falar, mesmo que em pequenos grupos.
- Quando for ajudar uma pessoa cega a se sentar em uma cadeira, basta colocar a mão dela no espaldar ou no braço da cadeira, isso lhe indicará a sua posição.
- Se estiver junto a uma pessoa cega ou com baixa visão em uma mostra fotográfica, pergunte se ela deseja uma breve descrição das imagens.

| Pessoas com deficiência de fala

Ao conhecer alguém com deficiência de fala:

- Seja atento e paciente, porque pode levar mais tempo para que ela elabore seu ponto de vista.
- Evite corrigir ou falar pela pessoa: espere silenciosamente enquanto a pessoa fala e não termine suas frases.
- Informe à pessoa se você não entender o que ela falar e confirme seu entendimento se for necessário (se você tem dificuldade em entender, não finja!).
- Se estiver em uma restaurante ou coquetel, pergunte se ela necessita de auxílio para beber ou comer, como um canudo plástico, por exemplo.

Nos grupos de trabalho e palestras:

- Certifique-se de que a pessoa tenha mais tempo que os outros participantes para apresentar seu trabalho ou expor suas ideias.

| Pessoas com mobilidade reduzida

Ao conhecer alguém com mobilidade reduzida:

- Fique em frente à pessoa e tente se colocar na altura de seus olhos.

- Não se movimente demasiadamente para que a pessoa não tenha que mudar de posição para falar diretamente com você.
- Parece óbvio, mas fale diretamente com um usuário de cadeira de rodas, não com seu acompanhante.
- Não se incline sobre a cadeira de rodas sem consentimento - você está invadindo o espaço do corpo do usuário. Não pendure coisas nas cadeiras de rodas ou bengalas alheias.
- Nunca empurre a cadeira, a menos que a pessoa peça auxílio.
- Se estiver em um restaurante ou coquetel, certifique-se de que há espaço suficiente na mesa, pergunte se a pessoa precisa de algum auxílio, como um canudo ou um apoio para o copo, por exemplo.

Nos grupos de trabalho e palestras:

- Certifique-se de que todos os espaços da sala, assim como a locomoção aos demais espaços do evento, estão acessíveis a todas as pessoas participantes.

| Pessoas com mais de uma condição ou comprometimento

- Algumas pessoas têm mais de uma condição. Novamente, é sempre melhor perguntar à pessoa sobre suas necessidades específicas, preferências e melhores métodos de comunicação e locomoção.

ALGUMAS TECNOLOGIAS

Apresentamos a seguir algumas dicas para o uso de tecnologias de comunicação:

| Meio Eletrônico

A disponibilização de informações em formato eletrônico é sempre um meio mais acessível, barato e fácil de alcançar um crescente número de pessoas cegas, surdas e com várias deficiências, pois há computadores e aplicativos com dispositivos de acessibilidade.

| Braille

Braille é um sistema de escrita e leitura tátil, formado por pontos em relevo, que alguns cegos podem ler com os dedos. Nem todos cegos e pessoas com deficiência visual lêem em

Braille, mas muitos preferem a disponibilização de informações nesta linguagem, que pode ser lida silenciosamente em reuniões ou anteriormente a um evento.

| Letras grandes

Para a maioria das pessoas com baixa visão a impressão em fonte maior é essencial. Não há um tamanho único adequado para todas, mas a maioria dessas pessoas prefere a sua impressão no intervalo de 16 a 22 pontos, em uma fonte clara, como Arial. O texto deve estar bem espaçado, de preferência em 2 pontos.

| Legibilidade e contraste de cor

A legibilidade, ou quão bem você pode distinguir o tipo de letra na página, pode ser influenciada por muitos fatores. Atentar para a legibilidade pressupõe uma preocupação com o tipo de letra ou fonte utilizadas. A maior ou menor legibilidade de um documento impacta no tempo de leitura para uma pessoa com baixa visão. Procure usar letras sem chanfrados, mais “limpas” (como arial ou verdana).

O contraste de cor entre a fonte e o fundo da página, tanto na web como na impressão, afeta a percepção daqueles com deficiência visual. Um bom contraste pode ser particularmente benéfico também para aqueles que são disléxicos ou têm dificuldades de aprendizagem. Uma boa opção são as cores opostas do círculo de cores, como laranja e azul claro, verde a vermelho, ou amarelo e roxo. Se for imprimir um texto, considere também a impressão em papel colorido. A utilização de contraste entre cores do texto e fundo deve ter uma relação mínima 4;5:1, sendo o ideal 7:1.

Definir o texto com um bom tamanho de fonte padrão – nunca menor do que 12pts - irá ajudar tanto para a leitura na tela quanto na impressão. Na internet, é importante disponibilizar a opção de aumentar o tamanho da fonte na própria página, alterando o tamanho do texto no navegador. Isso afetará o conteúdo dentro de caixas de texto. Portanto, para evitar o transbordamento de texto, é importante que as caixas aumentem de tamanho junto com o texto.

O hipertexto e as hiperligações devem ter termos claros e únicos.

Não se deve utilizar “clique aqui”, nem colocar na mesma página termos com o mesmo nome (“seguinte”, “ok”, “cancelar” entre outros).

Boas Práticas para Organizadores de GTs, Oficinas, Mini cursos, Mesas Redondas, Fóruns...

Ao planejar o programa para o evento, deve-se considerar o horário e o número de pessoas com deficiência participando para dar conta de algumas questões:

- Tempo necessário para mobilidade para se deslocarem entre salas e sessões;
- Se os intérpretes de língua de sinais devem ser trocados mais vezes de acordo com o nível de vocabulário (é interessante ver com eles pelo menos um dia antes);

- Pode ser necessário fazer pausas mais frequentes para pessoas com diabetes ou outras condições. Peça aos monitores para verificarem se elas necessitam de alguma ajuda.
- Antes das sessões, pergunte se algum participante, seja expositor ou parte da plateia, precisa de apoio ou recurso específico para acessibilidade no acompanhamento dos debates.
- Ao disponibilizarem os papers para leitura, tenha em mente que pessoas cegas e de baixa visão poderão necessitar de um texto que possa ser lido por um software de leitura. Especificamente para elas, envie um paper com menos formatação possível, preferencialmente em rtf ou doc, com imagens áudio-descritas. Informe-se com elas sobre os requisitos para cada software. Os mais comuns: Virtual Vision, Jaws, Window Bridge, Window-Eyes.
- O ideal é enviar os textos para as pessoas surdas com antecedência, para que elas possam lê-los ou traduzi-los para LIBRAS antes da apresentação.

Boas Práticas para Monitores

A lista a seguir não pretende ser exaustiva, mas pense sempre ao acompanhar uma pessoa cega ou cadeirante:

- Existe pista tátil, sem interrupções ou outras barreiras, do ponto de chegada no local, pela entrada(s) principal(is), para todas as áreas utilizadas pelos participantes?
- Se houver uma mesa de recepção, ela está (ou parte dela) em uma altura acessível para pessoas que usam cadeiras de rodas? Caso contrário, pode ser fornecida uma mesa alternativa para o evento?
- Existem etapas ou outras barreiras às instalações que são usadas pelos participantes, como "break-out" ou salas de oficina, áreas de jantar, áreas externas e áreas de exposição?
- Se existe uma plataforma de falante ou performer, ela é acessível?
- Existem sanitários acessíveis no mesmo local que outros sanitários ou perto?
- Existe uma sinalização clara para direcionar as pessoas da(s) entrada(s) para qualquer mesa de informações e todas as instalações que estão sendo usadas?
- Se os participantes precisarem usar elevadores para chegar às instalações, estes são grandes o suficiente para pessoas que usam cadeiras de rodas? Os botões de controle estão localizados em uma altura que pode ser acessada por pessoas que usam cadeiras de rodas? Os botões de controle estão em relevo e com informações em Braille? Existe áudio-informações no elevador dizendo às pessoas em que andar estão chegando?
- Se o local tiver lugares fixos, há lugares acessíveis para cadeiras de rodas em diferentes pontos do espaço onde será realizado o evento? Há objetos que possam obstruir o caminho por onde as pessoas costumam passar?

- Há uma escolha de assentos disponíveis que proporcionará suporte extra para pessoas com deficiência, caso necessário?
- O local é grande o suficiente para permitir que as pessoas com deficiência se movam livremente quando todos os participantes estão presentes?
- Existe boa circulação de ar em todo o local?
- Há boa acústica?
- Existem portas e janelas no local? Em caso positivo, elas estão fechadas ou bem encostadas à parede (janelas ou portas entreabertas constituem obstáculos perigosos para pessoas cegas)?
- As superfícies nos caminhos, dentro e fora do espaço do evento, são uniformes e antiderrapantes?
- Existem procedimentos de evacuação claros no local? Como funciona para pessoas com deficiência, incluindo pessoas com deficiências sensoriais e deficiências de mobilidade?
- Existe uma boa “manobrabilidade” em torno de stands de exposições e em áreas onde os alimentos e as bebidas são servidas?
- A equipe está ciente do direito das pessoas que usam cães-guia e cães de assistência de trazê-los para o local? No caso de eventos de longa duração há um local próximo onde os usuários de cães de assistência possam levar o cão para fazer suas necessidades fisiológicas (preferencialmente área externa, com chão de terra ou gramado)?

A Audiodescrição

A audiodescrição (AD) é um formato de **tradução visual semiótica** que elabora imagens em palavras. É um dos mais importantes subsídios técnicos (tecnologia assistiva) para oferecer à pessoa cega ou com baixa visão a acessibilidade comunicacional aos eventos visuais.

A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação publicou em 10 de abril de 2012 a NOTA TÉCNICA Nº 21 – Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível. São essas orientações que norteiam este guia. Além de acessibilizar nossas produções, essas orientações auxiliam a uniformizar uma linguagem, favorecendo o receptor das informações, acostumado a ter acesso a produções que seguem esta norma técnica.

Em geral, temos como importantes características da descrição de imagens a tradução em palavras e a construção de retrato verbal de pessoas, paisagens, objetos, cenas e ambientes, sem expressar julgamento ou opiniões pessoais a respeito.

Lembre-se sempre de descrever as imagens de suas apresentações!

A seguir você encontra alguns exemplos de descrição de imagens na geração de material digital acessível:

Descrição de Fotografia



Fonte: <http://www.comunicacaoalternativa.com.br/>

Legenda: Atendimento educacional especializado com uso de prancha.

Descrição: A foto mostra professora sentada ao lado da estudante em cadeira de rodas, com apoio para o pescoço, na sala de recursos multifuncionais, utilizando prancha inclinada, onde estão as palavras ABELHA e ABACAXI com a letra A em destaque e o desenho de um abacaxi na parte superior.

Descrição de Cartum



Fonte: <http://www.cartuns.com.br>

Legenda: cartum de Zero: Gerente de Informática.

Descrição: o cartum de Zero mostra dois funcionários de meia idade, de óculos, meio calvos, usando gravatas olhando para um bebê com macacão azul de bolinhas amarelas, chupeta na boca. O bebê está em pé em um banquinho e usando o computador sobre uma mesa de trabalho. No chão, uma mamadeira. Em um balão à esquerda da imagem, um dos funcionários diz olhando para o bebê: "E aqui nós temos o gerente de informática".

Atenção: Mapas, tabelas, gráficos e outros objetos têm forma própria para serem descritos. Consulte a norma. Treine. Você também pode fornecer seu material em formato acessível a aplicativos leitores, como Be My Eyes ou Aipoly. Mas nada substitui a audiodescrição.

Fonte de consulta:

http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1385029971nota_tecnica_21_mecdaisy.pdf

Alguns termos:

A seguir você encontra um pequeno glossário. Ele pode ser útil para quem não teve acesso a ao tema e às questões que o perpassam, auxiliando-o a conhecer recursos que podem ser solicitados durante o evento pelas pessoas com deficiência:

| Acessibilidade

é condição para a vida independente e segura; garante ingresso aos meios físico, social, econômico e cultural, à saúde, à educação e à informação e à comunicação, a fim de

possibilitar às pessoas com deficiência o pleno gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais. É ainda (ou também), possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

| Acessibilidade Web

é organizada por parâmetros internacionais WCAG, que obrigam o cumprimento de certas regras e requisitos da construção de conteúdos para a Web de modo que todos os utilizadores podem ter igual acesso à informação, permitindo a utilização de tecnologias de apoio ou aplicativos. No Brasil, pela LBI, todos os sites científicos e educacionais são obrigados a serem acessíveis e terem todo conteúdo traduzido em LIBRAS e disponibilizado em audiodescrição. De acordo com a lei, a negação de acessibilidade é uma forma de preconceito que pode vir a ser punido no âmbito civil e criminal.

| Ajuda técnica / Produto de apoio/ tecnologia assistiva

Dispositivo que permite que uma pessoa com deficiência de qualquer grau ou tipo desenvolva nova habilidade, contribuindo para uma melhor integração na sociedade.

| Intérpretes de surdocegos (manual)

os intérpretes de surdocegueira (manual) são treinados para usar o Alfabeto Manual no qual as palavras são explicadas nos dedos e nas mãos de uma pessoa surdocega. Os intérpretes de surdo cegos trabalham em contextos mais formais, como os cursos de treinamento. A surdocegueira afeta milhares de pessoas no Brasil, mas não mais que uma dezena alcançou nível superior.

| Design Universal

é um conceito que propõe o desenvolvimento de ambientes, objetos e produtos que possam ser utilizados pelo mais amplo espectro de usuários, incluindo crianças, idosos e pessoas com restrições temporárias ou pessoas com deficiência. Desenho ou design universal significa acessibilidade total de projeto. Serve a todos.

| Sistemas FM

dispositivos portáteis sem fios que permitem melhores condições de audição, por reduzirem o ruído do ambiente. São constituídos por um emissor com microfone e receptor com auriculares, usadas por pessoas com deficiência auditiva ou aquelas com déficit de atenção.

| Tradução de Comunicação Acessível em Tempo Real

semelhante ao famoso *closed caption* para surdos. A única (e pequena) diferença é que neste sistema tudo o que é dito é “captado” e transcrito, em tempo real, para os surdos e deficientes auditivos. Pode ser usado em salas de aula, casamentos, igrejas, conferências, reuniões e mais uma série de eventos e lugares. A transcrição pode aparecer em uma pequena tela de computador para que apenas uma pessoa surda ou deficiente auditiva possa acompanhar, ou em um telão para que todos possam ler. O estenotipista digita rapidamente em um estenótipo (óbvio). O teclado do estenótipo possui teclas com códigos, o que permite que o estenotipista possa digitar de maneira mais rápida e fácil. Um

estenotipista digita em média 300 palavras por minuto (e você aí, achando que digitava rápido). Alguns digitam mais, depende da destreza e tempo de experiência. O estenótipo é conectado a um computador por meio de cabos ou receptores wireless (modelos mais modernos). No computador há um software que interpreta aqueles códigos (criptologia) digitados, e os transforma instantaneamente em palavras. O tempo entre o que foi dito e o que foi digitado é tão pequeno que dá pra achar que ocorreram ambos no mesmo centésimo de segundo.

| Sign Writing:

o *Sign Writing* é mais ou menos como uma pictografia que permite registrar graficamente qualquer movimento, seja de humanos, insetos ou qualquer outro animal. Ele foi criado por Valerie Sutton nos anos 70. Atualmente é utilizado pela comunidade surda de 30 países, inclusive do Brasil, onde é a forma escrita das LIBRAS.

O sign writing faz parte de um sistema mais amplo, cuja subdivisão é:

- 1-Dance Writing - para registrar coreografias.
- 2-Sign Writing - para registrar língua de sinais.
- 3-Mime Writing - para registrar mímica e a pantomima clássica.
- 4-Sports Writing - para registrar movimentos esportivos.
- 5-Science Writing - para registrar movimentos de animais, fisioterápicos, linguagem corporal e outros.

REFERÊNCIAS

Finalizamos este breve guia com algumas fontes de leis e normas que regem os direitos das pessoas com deficiência:

1993: Adoção de Normas Padronizadas para Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiência.

2006: A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) (10 anos!!!) é um tratado internacional para promover, proteger e garantir o pleno e igual gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais de todas as pessoas com deficiência.

2009: Ratificação da CDPD pelo Governo brasileiro com status de Emenda Constitucional.

2013: Assembleia Geral da ONU convoca Reunião de Alto Nível sobre Deficiência e Desenvolvimento com Chefes de Estado e Governos que se comprometem a integrar a deficiência em todos os esforços de desenvolvimento.

2015: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é adotada - um plano de desenvolvimento global incluindo pessoas com deficiência.

2015: Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência) – Lei 13.146, de 06 de junho de 2015.